

## O TERROR PEDAGÓGICO COMO ESCÂNDALO DA VIDA: CUIDADO DE SI, PARRÉSIA E CORAGEM DA VERDADE NA ARTE PERIFÉRICA

Ridivaldo Procópio da Silva<sup>1</sup>; Prof. Dr. Alexandre Simão de Freitas<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Estudante do Curso de Ciências Sociais - CFCH – UFPE. E-mail: procopiomabi@gmail.com,

<sup>2</sup>Docente/pesquisador do Centro de Educação – CE – UFPE. E-mail: alexshiva@uol.com.br.

**Sumário:** A pesquisa abordou o modo como a periferia é tematizada como objeto de estudo pelo campo acadêmico brasileiro, levando em consideração as construções simbólicas (sociais, políticas, culturais e, porque não dizer, pedagógicas) constituídas acerca da condição dos moradores desses espaços. Nesse âmbito, vários autores têm destacado que a população dos espaços periféricos, quase sempre, identificados como os *pobres* são invisibilizados pela teorização crítica, sendo percebidos ora como *carentes* ora como em situação de *risco*. Assim, a periferia e seus moradores tornam-se conhecidos comumente por seus fatores negativos. É raro que este espaço singular seja reconhecido também como o cenário de movimentações culturais que podem inclusive culminar em movimentações políticas e sociais. Nessa perspectiva, nossa investigação permitiu desvelar que os espaços periféricos são também espaços pedagógicos, ou seja, são espaços de constituição de formas *outras* de educar, desenvolvendo formas de educar que se alimentam e se associam a diferentes expressões estéticas, potencializando os modos de pensar, de sentir e de agir dos sujeitos moradores das periferias.

**Palavras-chave:** arte periférica; formação humana; parrésia; potência dos pobres;

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa privilegiou uma reflexão sobre os processos de formação humana, através da delimitação de uma excêntrica e singular *figura de pensamento*: o habitante das periferias das nossas cidades ou mais diretamente o *pobre*. Figura excêntrica na medida em que comumente o pobre se constitui como um *objeto* das redes de poder-saber que articulam as práticas educativas. O pobre é, quase sempre, a figura paradigmática das formas de assujeitamento econômico, político, social e cultural, encarnando nos discursos educativos o lugar de múltiplas desigualdades que fazem dele o sujeito de uma falta, de uma carência. No máximo, o pobre aparece como alvo de uma sociologia crítica da pobreza que ora o apreende por meio de práticas sanitaristas e higienistas, ora por meio de políticas públicas direcionadas a promover e garantir os seus direitos (negados) de cidadania. No entanto, o pobre também se constitui como uma figura singular uma vez que se tornou um foco privilegiado de reflexão em torno da condição humana e dos processos de resistência aos controles biopolíticos. Parte-se, então, da percepção de que a figura do pobre permite engendrar outras formas de pensar e de entrar em relação com o sujeito da educação. Contudo, vale ressaltar que não se trata de propor uma idealização das condições de vida dos moradores das periferias, pois o que está em jogo, aqui, é, antes de tudo, um exercício de pensamento que busca vislumbrar na condição dos sujeitos periféricos um lugar de reflexão para outras formas de vivenciar as experiências formativas. Mais especificamente, visamos abordar alguns aspectos que atravessam as formas estéticas em jogo nos espaços periféricos. Para tanto, partimos do pressuposto de que alguns conceitos de Michel Foucault, como *cuidado de si e parrésia* possibilitam traçar novas linhas de compreensão das formas estéticas da periferia. Formas essas que carregam implicações,

ainda pouco exploradas pela teorização educacional, acerca dos processos formativos. Nessa perspectiva, a pergunta que mobilizou nosso trabalho de pesquisa consistiu em interrogar *como a produção estética dos sujeitos periféricos engendram modos outros de compreender e praticar a educação, a partir da discussão foucaultiana do cuidado de si e da parrésia?* A busca de resposta a essa questão passou por uma percepção e uma aposta: nos espaços periféricos a educação circula como um *bem danificado*. Não se trata de um pressuposto banal, como demonstram alguns estudos, os espaços periféricos são, comumente, associados a regimes de visibilidade difamatórios que articulam preconceitos e estigmas que se colam, de maneira perversa, aos moradores desses espaços. Acolhemos, então, o argumento de que é preciso instituir uma *visibilidade outra* aos sujeitos moradores dos espaços periféricos, tanto pelas mídias e pelos aparelhos governamentais, como também pelo universo acadêmico, pensando o lugar dos pobres a partir de sentidos ainda não devidamente explorados, disseminando figuras conceituais mais apropriadas à compreensão efetiva dos mesmos seja como sujeitos de direitos, em sentido amplo, seja como sujeitos da educação, em um sentido mais específico.

### MATERIAIS E MÉTODOS

Optamos por seguir referências metodológicas cujas ferramentas questionassem a linearidade discursiva que associa, no campo filosófico, sociológico ou pedagógico, a vida e a experiência dos pobres a uma ausência, problematizando, nesse percurso, a intensa carga de moralidade que ainda atravessa a percepção e a compreensão analítica dos processos educativos daqueles e daquelas que habitam os espaços periféricos em nossa sociedade. Buscamos, assim, contribuir para desarticular a naturalização da condição humana do pobre com os signos do infortúnio, da carência, do risco e da vulnerabilidade, uma vez que “importa aqui abordar a potência dos pobres, sua capacidade de produzir vida na própria vida” (CERQUEIRA, 2010. p. 20). Nessa direção, a pesquisa analisou os efeitos pedagógicos gerados pela produção estética de jovens moradores da periferia. Presumimos que a estética marginal, com todos os recursos dos quais faz uso é um foco ativo de produção de experiências formativas. Tratou-se, então de uma pesquisa de natureza qualitativa, sob o enfoque de estudos foucaultianos, a qual priorizou a dimensão produtiva dos discursos. A relevância desse construto metodológico está no entendimento de que os discursos produzem e reproduzem representações que interferem nas práticas educacionais e sociais. Operacionalmente, os procedimentos metodológicos foram os seguintes: a) Revisão bibliográfica, nos textos tardios de Foucault, das noções de cuidado de si, ascese e parrésia, a fim de delimitar o corpus do trabalho que foi constituído basicamente pelas obras *O governo de si e dos outros* e *A coragem da verdade*. Essa da pesquisa permitiu fundamentar teoricamente o argumento central defendido ao longo de nossa investigação; b) Realização de um estudo de caso sobre a produção estética e discursiva de um grupo de jovens moradores da comunidade do Coque (Recife/PE) – o Movimento Arrebrandando Barreiras Invisíveis/MABI -, delimitando por meio de entrevistas narrativas o modo como esses sujeitos apreendem a educação e como esta interfere nos seus saberes e nos seus modos de viver. Nossa *caixa de ferramentas* mobilizou uma *pesquisa bibliográfica* (LIMA, 2004. p. 40), além de leituras sistemáticas e fichamentos (temáticos e analíticos) tanto do material bibliográfico selecionado quanto das entrevistas realizadas. Esclarecemos que, em função do tempo disponível para a realização do estudo de caso, a *pesquisa de campo* visou apenas explorar alguns dos *gestos estéticos* de um grupo de jovens moradores da periferia urbana do Recife, procurando principalmente extrair dos seus relatos e experiências outro modo de olhar, desde o campo educacional, os processos de formação.

## RESULTADOS

O esforço de apreender os signos de negatividade acerca dos pobres nos conduziu a uma analítica genealógica da exclusão social, uma vez que, ao longo da história, as formas de exclusão social apresentaram diversas formas. Nesse âmbito, os autores mobilizados entendem a pobreza como um dos fenômenos integrantes da exclusão social. Como lembra Pedro Demo (1998), dentre outros, os excluídos são os que ameaçam a ordem social. O problema é que eles não são, de fato, excluídos, pois fazem parte do sistema. A exclusão não se configura como uma falha do sistema. Contudo, a ameaça de ruptura é representada por aqueles grupos cuja existência contribuiria para supostamente abalar a coesão societária. Esses grupos são justamente os segmentos da população que mais dependem das intervenções sociais, pelo fato de serem ou não capazes de trabalhar, sendo tratados de forma distinta em função deste critério. Esse tipo de argumento oculta as raízes da desigualdade. Do que decorrem os limites de uma análise que trata a pobreza meramente como uma mera questão social. Um caminho para evitar essa visão reducionista é localizar o “pano de fundo” dos mecanismos acionados para prevenir os perigos representados pelos pobres, questionando os pressupostos moralistas que tendem a encerrar os pobres e a pobreza numa percepção restritiva de suas potencialidades. Isso implica tematizar, por um lado, a formação das identidades periféricas dissociadas dos estigmas e preconceitos. E, por outro lado, constatar que a arte é um instrumento potente na redescritção da realidade vivida nos bairros pobres de nossas cidades. Vários artistas periféricos apresentam a possibilidade de superação dos dilemas circunscritos no binômio pobreza-violência, enfatizando o igualitarismo político, a autoestima do povo negro e a capacidade dos moradores da periferia em superarem seus próprios dilemas. A cidade de Recife, particularmente, tem sido palco para muitas manifestações artísticas oriundas dos seus espaços periféricos e marginalizados, fazendo ecoar no público urbano o interesse pelos temas que afligem essa outra parte da população com a qual não se identificava.

## DISCUSSÃO

Nessa direção, as pesquisas tardias de Foucault (2012, p. 144) apresentam determinadas práticas culturais e educativas que carregavam uma “função etopoiética”, ou seja, são práticas que permitiam transformar a verdade em *ethos*, através do exercício que consistia em fazer da própria vida uma obra de arte. Nessa perspectiva, na produção estética da periferia estão presentes elementos que vão além do que se entende oficialmente por “arte”, pois são espécies de guias de conduta. Daí se perceber na estética da periferia um processo formativo que resulta de seu próprio impacto, do terror que ela muitas vezes celebra e provoca. Para Foucault, os cínicos se constituem como o arquétipo fundamental da estética da periferia com sua capacidade de gerar formas de vida resistentes aos poderes instituídos. Para experimentar o efeito pedagógico dessas ideias, realizamos um estudo de caso junto a um movimento estético periférico situado na comunidade do Coque, no Recife. Trata-se do Movimento Arrebatando Barreiras Invisíveis (MABI), um coletivo formado por jovens reunidos pela paixão em torno da música. O MABI foi criado em 2000 como uma banda de rock, formado por jovens de espírito contestador, todos moradores do Coque. O principal motivo de sua inquietação sempre foi o modo como o Coque é visto no resto da cidade enquanto “morada da morte” ou na condição de “lugar carente”. De espírito bastante criativo e provocativo e “cor de pele suja, negra”, os jovens do MABI fazem questão de ser “mal-comportados” e se auto apresentam como “desclassificados”. Essa é a forma como eles absorvem o “mal estar” da sociedade, devolvendo uma “vontade de sermos perigosos”. Para eles, o MABI é uma ideia, um problema: “Você se sentir pertencente a essa ideia já é você fazer parte dela”. Sua forma de atuação se dá em grande medida a partir de eventos, nos quais tocam, passam filmes, tentando levantar, no bairro, a

discussão de sua estigmatização. Um de seus integrantes diz que o MABI é uma forma de “negar a negação de seu bairro”. Para ele, “esse é o objetivo principal de sua vida” e que só depois que concretizar isso pensará em outra coisa. A ideia geral é a de transformação do estigma do bairro a partir da construção, pelos moradores, de suas próprias versões sobre o lugar. Assim, a “verdade do MABI” está atrelada às ações orientadas pelo propósito de gerar uma nova visibilidade para o Coque e estruturar ações de educação, comunicação e cultura na comunidade. Sua verdade “sopra como vento”, pedindo o “fim dos muros invisíveis erguidos em cima de preconceitos”. Para concretizar a força dessa verdade, o MABI encontrou na música sua principal ferramenta: “se você faz uma música, é porque você quer que aquela música mude alguma coisa, mude alguém, você não faz uma música por nada”. Para eles, a música, de modo específico, e a arte, de modo mais amplo, são linguagens, ferramentas “pra gente usar a comunicação, na verdade, pra comunicar o que a gente sente [...], pra falar do que acontece”. Essa percepção gerou a compreensão de que comunicar é também ouvir, quer dizer, reconhecer as histórias e as vidas como tendo “algo a nos ensinar”. Eles acreditam que os afetos gerados pela arte “altera nossa forma de viver”, “pode mover a forma de vida de outras pessoas”. Desse modo, os jovens do MABI conectam a política, a educação e o prazer ao estético. O desafio é alimentar o “desejo de comum” que, segundo eles, não é “desejo de consenso”. Comum é o que sustenta o “desejo de criação”, o desejo de estreitar as relações, de se manter próximo das pessoas.

### CONCLUSÕES

Como sinalizam os estudos de Foucault, o MABI é uma proa concreta das possibilidades criativas abertas pela arte periférica, abrindo uma reflexão mais ampla sobre as formas políticas de resistência, bem como sobre o aprendizado que formas de liberdade e alteridade que os sujeitos periféricos podem nos proporcionar. Assim, a análise dessa experiência singular permite desvelar o papel da educação como arte de viver, quer dizer, da educação em uma chave ético-estética. Como já insistiam os cínicos na Antiguidade, a vida como obra de arte possibilita uma atitude radical diante da vida. A educação e a escola, todos sabem, passam por profundas transformações. Acreditamos que os referenciais mobilizados e a multiplicação de estudos sobre experiências formativas dos espaços periféricos podem contribuir para revitalizar o vocabulário da *scholé* que, já no universo grego, guardava o sentido de uma formação vinculada à vida.

### AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao professor orientador Alexandre Simão Freitas pela oportunidade dada e pela orientação feita com muita responsabilidade. Também a Universidade Federal de Pernambuco pela manutenção do projeto PIBIC. Agradecimentos a família que sempre se mostrou solícita com os problemas enfrentados no decorrer da pesquisa.

### REFERÊNCIAS

- CERQUEIRA, Monique Borba. **Pobres, Resistência e Criação: Personagens no Encontro da Arte com a Vida**. São Paulo: Cortez, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *O governo de si e dos outros*. São Paulo: Martins fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade: O governo de si e dos outros II*. São Paulo: Martins fontes, 2012.
- DEMO, Pedro. *Charme da exclusão social*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- LIMA, Manolita Correia. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. São Paulo: Saraiva, 2004.